

INTERAÇÃO E AUTISMO EM SALA DE AULA REGULAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITABERABA NA BAHIA

Ariosvaldo Novais Santiago; Tamara Cardoso dos Santos; Vanuza Silva de Souza

Universidade do Estado da Bahia asantiago@uneb.br
Escola Municipal Cora Ribeiro dos Santos tamaracardoso498@yahoo.com.br
Escola Talento Infantil van12008@hotmail.com

Resumo: Este estudo intitulado *Interação e autismo em sala de aula regular*, teve como objetivo analisar como acontece a interação entre uma professora e um aluno autista na turma do 2º ano do ensino regular da rede municipal de ensino do município de Itaberaba-BA. O estudo busca entender se/e de que forma ocorre a interação e identificar as estratégias utilizadas pela professora nesse processo. A condução deste estudo está embasada na problemática aqui formulada e conduzida como estudo de caso de cunho qualitativo, utilizando como instrumentos para coleta de dados a observação participante, a análise de documentos e entrevista aberta semi-estruturada, buscando identificar os fatores que contribuem para a ocorrência do fenômeno. A análise dos dados ocorreu através da: transcrição dos registros das observações participantes, da entrevista com a professora e da análise de documento da escola e do diagnóstico do aluno autista. Refletiu-se sobre o processo de interação professor-aluno e sobre as estratégias pedagógicas para a interação como educando autista em sala regular. Os resultados aqui obtidos permitiram concluir que a inclusão existente na escola estudada, não é diferente da maioria das escolas referenciadas, pois não garante qualidade de ensino a alunos com NEE, principalmente pela falta de oferta da formação especializada do docente. É bastante proveitosa a interação da professora com o aluno autista e deste com a classe. Foi possível perceber ainda, que o empenho da professora permite alcançar resultados gratificantes, já que o pesquisado apresenta um desenvolvimento significativo o que ficou constatado durante o estudo.

Palavras chave: autismo, Interação, inclusão, necessidades educacionais especiais, sala de aula regular

Introdução

O objetivo desse estudo é analisar a interação entre uma professora e aluno autista em sala de aula regular bem como as estratégias utilizadas pelo primeiro nesse processo em uma classe do segundo ano do turno vespertino, em uma escola do município de Itaberaba-Ba, verificando como ocorre a interação entre ambos, bem como as estratégias utilizadas pela professora no processo.

De acordo com Muller (2002, pg. 276) “a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo”. Assim, a escola é espaço propício ao desenvolvimento das relações sociais, sendo importante a interação estabelecida nesse ambiente.

Nesta análise é importante assumir que o professor é um ator educacional indispensável para o processo de interação pedagógico. A sua prática pode possibilitar ou não

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

o desenvolvimento de aprendizagem significativa acreditando que a prática docente deva estar pautada em teorias e ações que culminem na socialização dos conhecimentos e saberes.

Para análise do processo é necessário uma reflexão sobre a forma de interação presente na relação professor e aluno autista, pois percebe-se a partir dos estudos realizados que esta, muitas vezes acontece de forma precária e superficial, de acordo com Frias e Menezes (2008/2009) os docentes que atuam com alunos com NEE necessitam de uma formação específica que garanta o preparo desses profissionais para uma prática pedagógica mais eficiente.

A interação permite ao indivíduo a utilização dos conhecimentos adquiridos em sua formação e formação continuada na construção de novas técnicas e de seu próprio aprimoramento para a lida com alunos que apresentam necessidades especiais de educação. Compreendemos que a interação na lida com alunos autistas, a intervenção é de relevante necessidade e de acordo com Muller (2002, pg.228)“ o professor deve estar atento aos alunos, as vezes a própria expressão dos alunos indica que é necessário fazer alguma pergunta”, que podem ser percebidas através de um olhar mais sensível, principalmente no que se refere ao autismo”.

Nesse sentido a formação especializada deve dar o suporte necessário ao professor e para Praça (2011) sem formação ou capacitação dos profissionais que trabalham com NEE, não existe inclusão, já que sem esta preparação não é possível desenvolver atividades adequadas às necessidades do discente nestas condições.

Assim é possível perceber que os caminhos que permitem professor e aluno autista estabelecer uma interação mais próxima e harmoniosa estão relacionados à forma como o sistema educacional tem definido o processo de inclusão nas escolas.

O estudo busca fazer uma reflexão sobre o processo de interação entre professor e aluno autista, assim como as estratégias usadas para tal. Entendendo que é responsabilidade do poder legislativo elaborar políticas públicas que forneçam o apoio necessário ao professor para o desenvolvimento de suas ações, consciente da importância de uma formação específica para o trabalho com crianças autista buscou-se observar se a professora recebe o apoio necessário para que estabeleça uma interação relevante com o aluno autista.

As atitudes e ações pedagógicas do professor influenciam e às vezes determinam o desenvolvimento cognitivo escolar do aluno. Nesse sentido é necessário uma reflexão sobre as formas como as praticas pedagógicas se concretizam.

Assim sendo para satisfazer ao objetivo geral proposto acompanhou-se as atividades pedagógicas para verificar a existência de interação entre professor e aluno autista em sala de

aula regular. E para os objetivos específicos observou-se se/e como ocorre interação entre os pesquisados e quais estratégias são utilizadas pela docente para a possível interação.

Os teóricos utilizados neste estudo concordam que a interação permite ao indivíduo desenvolver-se, mudar o estado atual transformando-se através das relações sociais

Metodologia

O presente estudo enquadra-se como estudo de caso pois, pesquisou-se uma situação, Oliveira (2008, p. 5.) e segundo Gil (2008, p.54), trata-se de uma investigação com estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos chegando a seu amplo e detalhado conhecimento. Para Silva, Azeredo e Pinto (2005) o estudo de caso faz com que o pesquisador se aprofunde na produção de dados recorrendo em diversas fontes para explicar determinado contexto, onde a investigação empírica é mais adequada para quando se quer saber mais detalhadamente o problema da pesquisa em estudo, permitindo que o pesquisador observe, analise, entenda e descreva com mais precisão.

Utilizando-se o método exploratório de natureza qualitativa, a pesquisa foi conduzida em uma escola da rede municipal de Itaberaba na Bahia que atende a 274 alunos ao todo, e desse total, sete possuem Necessidades Educacionais Especiais, sendo: dois alunos com Transtorno do Espectro Autista; um hiperativo; um com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade -TDAH; um com retardo mental moderado; um com deficiência física motora e um com Esclerose Tuberosa.

Foram obedecidos os critérios estabelecidos em convênio entre a Universidade do Estado da Bahia e o Município de Itaberaba. Inicialmente ocorreu um contato com a Direção e Coordenação pedagógica, professora e a família do aluno participante do estudo quando apresentou-se os objetivos do estudo, não havendo qualquer restrição destes em receber a proposta. Em seguida foram encaminhadas a documentação prevista e posterior início das atividades propostas.

Os dados da pesquisa foram produzidos de forma exploratória, pois de acordo com Gil (2010) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Na recolha dos dados utilizou-se a observação participante, análise de documentos, entrevista semiestruturada com a interação entre os pesquisadores e os sujeitos.

De acordo com Lira (2004, p. 59), a observação participante “possibilita registrar ações, julgamentos e avaliações no momento em que estão ocorrendo, sem a interferência de

juízos conscientes” e ainda Lira (2011), deve ser feita através da participação ativa das pesquisadoras como os sujeitos estudados, havendo envolvimento das primeiras com o contexto investigado. Lira (2004, p.61) afirma ainda que a entrevista, “pode confirmar ou não as inferências sobre pontos de vista dos participantes que foram feitas pelo pesquisador com base na observação participante” e a análise de documentos que de acordo com Calado e Ferreira (2005, p. 8) “pode ser interpretada como sendo por duas etapas: uma primeira de recolha de documentos e uma segunda de análise, como análise de conteúdo” e de acordo com Calado e Ferreira (2005 p. 3), “são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica em um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos, com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação”.

A entrevista semiestruturadas, mesmo contendo perguntas, existem momentos em que o investigado pode estar livre para responder, sendo possível o investigador “acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes”, (OLIVEIRA, 2008 p.12).

Análise dos dados

Na análise dos documentos foi possível verificar no Projeto Político Pedagógico (PPP), uma proposta de organização escolar e seu compromisso com uma gestão democrática, com participação das famílias e da comunidade. Está prevista uma relação entre as condições financeiras e de moradias dos familiares com uma proposta de ensino de qualidade e uma gestão consciente de seu dever visando suprir as diferenças, já que a tendência sócio interacionista presente no projeto da escola, pode ser observada nas ações cotidianas.

No Laudo médico Diagnóstico foi possível verificar algumas especificidades do aluno pesquisado como: em que fase da vida foi dado o diagnóstico? Por qual motivo o pesquisado foi encaminhado a uma avaliação psicológica sendo que o diagnóstico insere o aluno no grupo de pessoas que possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

Na observação participante verificou-se que a professora se abaixa no momento em que conversa com o aluno ou tenta resolver alguma situação. Quando a professora coloca os alunos em círculos ou no momento de preencher o calendário escolar, percebe-se maior interação professora aluno autista. Foi observado que no momento em que a professora começa a desenvolver um conteúdo para a classe o aluno autista não consegue acompanhar os demais alunos, necessitando a intervenção da professora. Durante a recreação ele não participa do grupo ficando isolado e nas atividades lúdicas com orientação da professora e

supervisão da cuidadora, o aluno demonstra satisfação e interesse ao organizar o material de forma sequenciada. A professora buscando interação com os demais alunos solicitou que o autista se expressasse oralmente e em seguida desenvolvesse atividades de pintura, o mesmo não se mostrou disposto, ocorrendo o oposto quando a atividade era orientada pela professora e estava relacionada com organização e sequência de objetos. Quando envolvia escrita e contagem, percebeu-se que o aluno apresentava dificuldades na coordenação motora, porém, conseguiu identificar os números e realizar contagem de forma exata. O aluno já possui uma familiaridade com o seu nome ao identificar a letra inicial, no momento que a professora entrega sua ficha, ele não gosta de ser contrariado, quando a professora tentou recolher a atividade ele reagiu com agitação. Nessa mesma atividade diferente do que foi proposto, ele virou as fichas e as organizou por cores, verificou-se a interação e estratégia da professora nesses momentos, ela conseguiu acalmar o aluno, abaixando para falar com ele.

Com a observação diária e revendo os registros anteriores verificou-se que as atividades propostas ao aluno buscavam muitas vezes favorecer as suas especificidades, no entanto, identificou-se outras atividades focando seu desenvolvimento cognitivo, também foi percebido que o aluno estabelece uma rotina em qualquer situação.

Percebeu-se que o aluno compreende as atividades propostas, porém realiza com mais facilidade e disposição as que mais lhe interessa e mesmo quando ele não se dispõe a participar, a professora sempre o convida.

Quando a cuidadora se retira da sala o aluno fica agitado pois esta fica sempre ao seu lado, no entanto a professora consegue acalmá-lo, utilizando estratégias que lhe passa segurança. O mesmo foi observado nas atividades recreativas quando ele fica agitado a professora utiliza um jogo da sua preferência conseguindo acalmá-lo, percebeu-se que o aluno autista seleciona e organiza os materiais apresentados para a realização das atividades, no entanto atentou-se para o fato do mesmo executar a atividade do dia com maior concentração e durante o intervalo estava mais disposto, pois interagiu bastante com a professora. Observou-se movimentos repetitivos durante alguns momentos, porém foi intensificado em algumas atividades, mas que em outras.

Na entrevista verificou-se que a professora estava apreensiva nas respostas, temia não oferecer informações significativas que pudessem ser utilizadas na pesquisa.

Questionada sobre o período de formação e de docência, a professora leciona há 10 anos, é licenciada em Pedagogia, com especialização em Política do Planejamento pedagógico: currículo, didática e avaliação, teve experiência anterior com alunos com NEE, porém não possui formação na área. Verifica-se que a professora reúne uma boa experiência com alunos ditos normais, porém não tem formação para trabalhar com alunos com NEE.

Quanto à interação com o aluno autista a professora demonstra grande ansiedade para que ocorram avanços e enfatiza que já ocorreram algumas conquistas em relação ao início do ano letivo. A professora informa que a interação entre ela e o aluno autista não ocorre da forma que ela gostaria já que acontecem em alguns momentos da aula, pela necessidade de atender aos demais alunos da classe. No entanto destaca a rodinha como atividade de maior interação, menciona algumas estratégias que são desenvolvidas na classe no processo de mediação e acompanhamento do aluno, partindo dos conhecimentos já adquiridos por ele.

De acordo com Freire (2012),

...Algumas dificuldades registradas na interação são comumente apontadas na comunicação e vice-versa tal deve-se ao fato de ser difícil distinguir interação social de comunicação, uma vez que uma implica a outra, ou seja, sem comunicação a interação social é praticamente inexistente, e sem a interação a comunicação fica muito limitada.

Por ser a interação um processo de importância singular no desenvolvimento social, psíquico e cognitivo de todos os seres humanos acredita-se que esta ao ser mediado de forma adequada possa trazer resultados muito mais significativos, pois como afirma Martins (1997) as “interações permitem ao sujeito ultrapassar a impressão inicial das ideias que lhe chegam e buscar o que está além delas, oculto, mais profundo e sistematizado, de forma a instrumentalizá-lo para o exame da realidade”. (P. 112)

Sobre o apoio para trabalhar com alunos com NEE a professora novamente demonstra insatisfação por não ter esse suporte, tendo ela própria que buscar meios para desenvolver seu trabalho no entanto, relata que o apoio ao aluno ocorre em outro espaço sem a interação com a classe o que não contribui com o processo proposto. Essa preocupação está de acordo com o que enfatiza Vieira(2011), para uma “interação entre professor da classe regular e de apoio” e os demais agentes incluindo a família o trabalho conjunto pode fornecer informações complementares para maior eficácia do processo de inclusão do aluno autista.

Resultados e discussão

Durante o estudo foi possível elaborar um relato e discutir as características das necessidades educacionais em questão, relacionando-as às informações recolhidas nos documentos escolares, permitindo evidenciar aspectos relevantes no processo de interação para o desenvolvimento social e psíquico do aluno autista.

A inclusão do aluno autista na escola estudada ocorreu como aluno dito normal sem adequação da escola e formação continuada da professora para seu atendimento. Estas ações

estão em desacordo com a proposta inclusiva atualmente proposta conforme as colocações de Ferreira & Guimarães, (2003, p. 118) e Praça (2011, p. 37.), que no processo de inclusão, de modo diferente da integração, é primeiro a escola que deve ser adequada para receber a todos os alunos, com ou sem deficiência”

Nesse sentido a escola pesquisada mesmo tendo o sócio interacionismo como tendência pedagógica contemplando a proposta de inclusão, constatou-se que apesar de respaldada pelas políticas públicas em vigor, estas ações não foram observadas na prática. Durante o estudo constatou-se que os profissionais atuantes no processo de inclusão, não são capacitados para tanto o que está em desacordo com o artigo 59, inciso III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que orienta o atendimento especializado na escola regular, (BRASIL, 1996).

Neste sentido, Viera (2011, p. 11) salienta que

a escola deverá facultar, as condições ideais para que o ensino de crianças e adolescentes, com NEE'S, se realize num ambiente o menos restritivo possível e igual ao das crianças ditas normais. O percurso escolar, destas crianças com estas particularidades, deverá processar-se, sempre que possível, no estabelecimento da área onde habita, obedecendo, deste modo, ao princípio da integração e da inclusão.

A carência de uma formação especializada se reflete no desenvolvimento da prática docente, como foi possível evidenciar em alguns momentos do estudo, o que nos levou a refletir sobre como vem sendo pensado o ensino especial, que preparação tem o professor para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, principalmente no que diz respeito ao aluno autista. É pertinente discutir sobre o processo de interação existente entre os pesquisados, enfatizando as estratégias utilizadas pela docente que não possui formação para esta ação em particular.

Neste sentido cabe destacar que é buscado pela profissional, maneiras de suprir o conhecimento negado, para a partir das informações obtidas estabelecer novas estratégias para sua prática.

A professora estabelece meios para favorecer a interação entre ambos, usando alguns métodos de mediação não específicos. No entanto pode-se constatar que há momentos em que a relação entre professora e aluno não culmina em grandes avanços, já que são estabelecidas de forma superficial, pois a docente não conta com o apoio necessário para o desenvolvimento de suas atividades.

Foi possível verificar que a dificuldade para uma maior interação professora aluno se prende ao fato da docente ter que desenvolver suas ações pedagógicas para às demandas de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

toda turma. Para Lemos (2006, p. 60), “(...) o processo de ensino e de aprendizagem implica em corresponsabilidade do professor e do aluno”.

Assim Lago (2007, p.35) propõe que:

Toda interação entre dois indivíduos supõe uma troca de valores que depende da avaliação de cada um dos envolvidos. As ações ou reações de um serão avaliadas pelo outro em função de sua escala de valores e somente atingirá o equilíbrio quando houver uma coordenação dos valores envolvidos.

O Transtorno do Espectro Autista conforme Lira (2004) e Praça (2011), se caracteriza pela incapacidade do indivíduo em estabelecer relações sociais, pelo comportamento estereotipado e dificuldade na comunicação.

Entende-se que quando a mediação é pautada no desenvolvimento, a prática docente adequada garante resultados bem mais significativos, principalmente no que diz respeito a alunos autistas que carecem de maiores intervenções nesse sentido.

Foi possível evidenciar essas características através das observações em sala de aula e conversas informais, da entrevista e da análise do diagnóstico médico, pois estes fornecem informações que enquadra o aluno, ao quadro de indivíduos pertencentes ao transtorno autista.

Para Praça (2011, p. 26);

as causas para o autismo ainda são desconhecidas apesar de haver vários estudos e pesquisas na busca das mesmas, mas ele é identificado através dos sintomas e características que surgem ao longo do tempo. A maioria das crianças começa a mostrar sintomas de autismo entre 18 a 24 meses e os meninos são mais afetados pelo autismo do que as meninas. Numa proporção de uma menina para 4 meninos.

É válido salientar que o diagnóstico médico do aluno para o Transtorno do Espectro Autista aconteceu tardiamente, o que nos faz refletir e levantar suposições acerca dos seus avanços, pois conforme Praça (2011) quanto mais cedo é dado o diagnóstico, maiores são as chances de desenvolvimento.

Um dos meios mais eficazes para garantir avanços no que diz respeito a pessoas com autismo é o atendimento especializado, pois este se desenvolve obedecendo às especificidades do transtorno, focando suas ações nas características individuais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), destaca que o atendimento especializado deve ser oferecido preferencialmente na rede regular de ensino e garantido pelo poder público que deve assegurar os ingressos dos alunos com NEE nos centros disponibilizados para o atendimento.

Durante a análise dos documentos verificou-se que o aluno conta com um atendimento especializado fornecido pelo CERII Centro Especializado em Reabilitação Física de Itaberaba que lhe proporcionou alguns avanços no sentido da realização das atividades, redução dos movimentos estereotipados e atendimento aos comandos dados.

Buscando refletir sobre o desempenho do aluno pesquisado, foi observado que os avanços foram pequenos e só ocorreram pela sua participação no atendimento especializado do CERII e motivado pelo empenho e dedicação da professora que mesmo não tendo formação adequada, busca desenvolver ações que facilitam o atendimento das necessidades de seu aluno.

Conclusões

Durante a condução da pesquisa, foi possível identificar as estratégias utilizadas pela professora para interagir com o aluno autista, a forma de mediação com o mesmo, o relacionamento com a classe e o processo ensino aprendizagem.

Os resultados permitiram perceber que o processo de inclusão que ocorre na escola estudada, não a difere daquelas de ensino regular onde não ocorre inclusão pois, aqui não é garantida a educação inclusiva adequada para o problema em questão, principalmente pela falta da formação especializada do professor que fica inseguro, comprometendo os resultados esperados no processo.

De acordo com Lopes (2011) a inclusão escolar deve ser efetiva e global, que seja trabalhado o “desenvolvimento de aspectos afetivos, emocionais e cognitivos dos estudantes autistas” e para tanto é necessário a formação adequada dos professores para a promoção desta inclusão e desenvolvimento dos aspectos acima relacionados ocorrendo inclusão dos autistas e o desenvolvimento da classe como um todo.

A professora utiliza-se de recursos próprios para melhor preparar-se o que minimiza o prejuízo de não contar com o tipo de especialização necessário para sua prática.

Ficou evidente a dificuldade de formação especializada para o desenvolvimento da uma prática docente adequada com alunos autistas por ser este um transtorno com uma diversidade de características impondo ao docente a necessidade de realizar ações específicas para cada uma.

Foi possível verificar durante o processo que o aluno autista executa algumas atividades demonstrando capacidade de aprender e se desenvolver quando recebe mediação da

professora e apoio da cuidadora. Em alguns momentos ele não executa as tarefas como é proposta pela professora e com frequência as direciona para um formato sequencial pois este tipo de organização é de sua preferência.

Notou-se durante o estudo que apesar da pouca formação e apoio a professora buscava soluções possíveis para o avanço do aluno considerando as características do autismo que o pesquisado apresentava. Este empenho possibilitou a minimização da lacuna existente entre a necessidade de adequação dos métodos para satisfazer às necessidades dos alunos regulares e do aluno autista com resultados gratificantes, já que o pesquisado apresenta um desenvolvimento significativo como foi constatado durante toda observação.

Acredita-se que para uma maior qualidade de ensino inclusivo é importante repensar muitas questões, e que estas envolvam todo o processo e comunidade educacional passando o processo de educação inclusiva a ser concebida com outros olhares, que a estrutura escolar seja adequada e que seja dado ao professor a formação e suporte necessário para que desenvolva seu trabalho de forma consciente e reflexiva.

Assim entende-se que por ser a formação e especialização um dos principais meios pelo qual o professor desenvolve coerentemente seu trabalho, é necessário que estes sejam o foco do sistema educacional

Espera-se que o estudo realizado contribua para novas reflexões entre estudiosos permitindo o desenvolvimento de novos estudos visando compreender como está estruturado o ensino inclusivo na sala de aula regular e quais pontos devam ser repensados para uma educação que garanta ao aluno oportunidades iguais de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2012.27 de dezembro de 2012.

_____,. Lei n. ° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: MEC, dez. 1996.

_____, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

CALADO, Silvia dos Santos.; FERREIRA, Silvia Cristina dos Reis. Análise de Documentos: método de recolha e análise de dados. 2005. Disponível em: [http://\(83\) 3522-3222](http://(83) 3522-3222)

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO - PARANÁ. Deliberação: 02/03- Normas para Educação Especial, Modalidades da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do estado do Paraná.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas. Brasília: CORDE. 1994. (VER SE ESTÃ CITADOS)

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly, Educação inclusiva. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. 158 p.

FREIRE, Cláudia Margarida Brito. Comunicação e interação social da criança com perturbação do Transtorno do Espectro Autista. Lisboa, 2012.

FRIAS Elizabel Maria Alberton; MENEZES Maria Christine Berdusco. Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais: Contribuições ao professor do ensino regular. 2008/2009

GIL, Antônio Carlos, Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

GIL Antônio Carlos, Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo, Atlas, 2008.

LAGO, Mara, Autismo na escola: ação e reflexão do professor. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LEMOS, Evelyse dos Santos, A Aprendizagem Significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. In: Dossiê do I Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa. Série Estudos, UCDB, n. 21, p. 53-66, 2006. Campo Grande-MS.

LIRA, Solange Maria de. Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula. Rio de Janeiro, 2004.

LIRA, Cláudia Dantas de Menezes, A participação das Crianças no Desenvolvimento do currículo na Educação Infantil, Natal, RN, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24565/1/ClaudiaDantasDeMedeirosLiraDISSERT.pdf>

LOPES, Juliana Crespo. A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas. Monografia (Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011, 44p.

MARTINS, João Carlos, "Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo". *Ideias*, São Paulo, n. 28, pp.111-122, 1997.

MULLER, Luiza de Souza. A Interação Professor-Aluno no Processo Educativo, Universidade São Judas Tadeu. Integração Ensino-Pesquisa-Extensão. Ano VIII. Nº 31. Nov. 2002 ISSN-1413-6147 Disponível em: http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf Acesso em: 20/05/2018

OLIVEIRA, Cristiano Lessa, de, "Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características." *Revista Travessias* 2.3 (2008): 123- DADOS DO IDEB. <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=11517422>.

PRAÇA, Élide Tamara Prata de Oliveira, Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular. Minas Gerais, 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/mestrado_edumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-E-lida.pdf Acesso 27 de Abril de 2018

SILVA G., AZEREDO J., PINTO V. Análise de um Estudo de Caso 2005|2006.

SCHMIDT, Carlo, Transtornos do Espectro do Autismo na Escola - Protagonismos no Processo Inclusivo; Disponível em: http://w3.ufsm.br/edeia/images/ARTIGOS/GT15-1786_int.pdf, Acesso em: 20 jul. 2017.

SCHMIDT, Carlo, Coparentalidade em famílias de adolescentes com autismo e comportamento agressivo. Tese de doutoramento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2008, Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16157/000696156.pdf?sequence=1>, Acesso em: 20 Março. 2018.

VIEIRA, M. A. B. P. Relação escola/família na inclusão de crianças com NEE nas turmas do ensino regular, tese M.S., Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Ciências da Educação. Lisboa 2011.